

A COVID-19 e os Impactos nos Deslocamentos dos Alunos Universitários do Rio Grande do Sul - Subjetividades no Espaço Urbano

Clara Natalia Steigleder

Universidade Federal de Pelotas

GPTrans – Grupo de Pesquisa em Trânsito e Transporte

Carla Garcia Bottega

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Grupo de Pesquisa - Estudos, Pesquisas e Intervenções em Saúde Coletiva

Lara Steigleder Wayne

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

GPTrans – Grupo de Pesquisa em Trânsito e Transporte

Raquel da Fonseca Holz

Universidade Federal de Pelotas

GPTrans – Grupo de Pesquisa em Trânsito e Transporte

Celmar Corrêa de Oliveira

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

PGPD - Grupo de Pesquisa UERGS/CNPq Políticas, Gestão Pública e Desenvolvimento

Resumo

A contaminação pelo COVID-19 se transformou na maior preocupação da atualidade e as mudanças adotadas no comportamento individual são cruciais para controlar a propagação do vírus, trazendo à tona questões como controle da liberdade individual e responsabilidade coletiva especialmente em espaços públicos. A implementação do distanciamento e isolamento social como formas de diminuir a circulação do vírus impactou diretamente os usos do espaço público em geral e, especificamente, o de circulação, uma vez que objetiva-se restringir a mobilidade e a permanência das pessoas em ambientes como vias, parques, no transporte coletivo (ônibus, trens, balsas) etc. As Instituições de Ensino Superior no Brasil, comprometidas em colaborar para a contenção da propagação do COVID-19 - pois os

estudantes são vetores de transmissão do vírus - paralisaram as atividades presenciais em março de 2020. O ensino passou a ser remoto, bem como, as atividades de pesquisa, extensão e estágios que representassem algum risco de contágio. Este artigo apresenta a elaboração do Instrumento de Coleta de Dados, com ênfase nas questões subjetivas da pesquisa “Impactos do COVID-19 nos Deslocamentos dos Alunos Universitários do Rio Grande do Sul”, cujo objetivo é investigar como as mudanças provocadas pelo isolamento social estão alterando as escolhas dos estudantes na área de transportes e circulação, que por sua vez, estão impactando ou poderão vir a impactar a mobilidade das cidades e a própria relação com o espaço de circulação, ou seja, novas formas de estar em co-presença, de percepção dos lugares, novos processos de subjetivação e subjetividades, talvez um novo ethos político no cotidiano da circulação. O levantamento dos dados será *online* e optou-se pela escolha do método quanti/qualitativo para o tratamento e a análise dos dados, por ser o mais adequado ao tipo de dados, à natureza das variáveis e aos objetivos do estudo.

Palavras-chave: COVID-19; Deslocamentos; Espaço Público; Estudantes Universitários; Subjetividades.

Abstract

The contamination by COVID-19 becomes the main concern today and how changes in individual behavior are crucial to control the spread of the virus, bringing up issues such as controlling individual freedom and collective responsibility especially in public spaces. The implementation of detachment and social isolation as ways to decrease the circulation of the virus directly impacted the uses of public space in general and, specifically, circulation, since it aims to restrict the mobility and permanence of people in environments such as roads, parks, public transportation (buses, trains, ferries) etc. Higher Education Institutions in Brazil, committed to collaborating to contain the spread of COVID-19 - because the students are vectors of virus transmission - paralyzed face-to-face activities in March 2020. Education became remote, as well as, research, extension and internship activities that represented some risk of contagion. This article presents the preparation of the Data Collection Instrument, with emphasis on the issues of the research “Impacts of COVID-19 on the Displacement of University Students in Rio Grande do Sul”, whose objective is to investigate how the changes caused by social isolation altering the choices of students in the area of transport and circulation, which in turn are impacting or benefiting from the mobility of cities and the relationship with the circulation space, that is, new ways of being in co-presence, of perception of places , new processes of subjectivation and subjectivities, perhaps a new

political ethos in the daily life of circulation. The data survey will be online and the choice of the quanti / qualitative method for the treatment and analysis of the data was chosen, as it is the most appropriate for the type of data, the nature of the variables and the objectives of the study.

Keywords: COVID-19; Displacements; Public place; University Students; Subjectivities.

1. Introdução

A contaminação pelo COVID-19 se transformou na maior preocupação da atualidade, isto porque a transmissão pelo vírus se dá de forma rápida e atingiu várias regiões do mundo, com diferentes impactos e deflagrando crises sanitárias, econômicas e humanitárias (BARROSO, 2020). Em 18 de março de 2020, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), os casos confirmados eram em torno de 214 mil em todo o mundo (WHO, 2020). Um ano depois, mais de 136 milhões de casos e quase 3 milhões de mortos. O Brasil ocupa o segundo lugar no número de mortes no mundo, com mais de 400 mil, em primeiro lugar estão os Estados Unidos com 560 mil (BALTIMORE/EUA, 2021).

Além de alguns protocolos de segurança como uso de máscaras, uso do álcool 70 e a limpeza das mãos, entre outras medidas não-farmacológicas, o distanciamento social, em alguns locais quarentena, isolamento social ou *lockdown*, foram e continuam sendo adotados como estratégias para conter-se a disseminação do contágio na população uma vez que diminuem o contato físico e a mobilidade das pessoas, por conseguinte, do vírus (LINHARES E ENUMO, 2020).

Nesse sentido, as mudanças adotadas no comportamento individual são cruciais para controlar a propagação do COVID-19 e trazem à tona questões como controle e liberdade de ação, especialmente no uso do espaço público de circulação, uma vez que se objetiva, com o isolamento social, restringir a mobilidade e a permanência das pessoas em ambientes públicos, como vias, parques, praças, calçadas, no transporte coletivo, como ônibus, trens, metrô, balsas etc. Giza-se que estas medidas envolvem a proteção ao direito à saúde que - além de qualificar-se como direito fundamental que assiste a todas as pessoas -, representa consequência constitucional do direito à vida (RE 271.286-AGR, 2000). Daí, a atribuição ao Poder Público, qualquer que seja a esfera institucional de sua atuação no plano da organização federativa brasileira, de não poder mostrar-se indiferente ao problema da saúde da população. Em decorrência desta afirmação, o Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF), por unanimidade, confirmou o entendimento de que as medidas adotadas pelo Governo Federal na Medida Provisória (MP) 926/2020 para o enfrentamento do novo coronavírus não afastam a

competência concorrente nem a tomada de providências normativas e administrativas pelos estados, pelo Distrito Federal e pelos municípios (BRASIL, 2021).

Entretanto, apesar de a principal preocupação estar nos desafios atribuídos aos sistemas de saúde, as instituições de ensino também se comprometeram para a contenção da propagação do COVID-19. Uma vez que os estudantes são vetores de transmissão do vírus para suas famílias e comunidade em geral, determinaram a paralisação das atividades de ensino presencial ainda em março de 2020, bem como, das atividades de pesquisa e extensão, que representassem algum risco de contágio para os alunos, assim como os estágios. Esta medida envolveu em torno de 8 milhões de estudantes, sendo 2 milhões apenas nas instituições de ensino públicas (INEP, 2018). No Rio Grande do Sul, o número de estudantes universitários é de aproximadamente 250 mil, distribuídos entre universidades públicas e privadas.

O ensino remoto emergencial foi a forma encontrada pelas instituições de ensino para dar continuidade às atividades pedagógicas (RONDINI et al., 2020). Mas além das atividades de ensino, como pesquisadores, entende-se que é importante somar esforços em um estudo conjunto para investigar o impacto das medidas adotadas para deter a contaminação pelo COVID-19 na vida dos estudantes: como eles estão percebendo essas mudanças em suas vidas e como elas estão alterando as escolhas realizadas, no caso deste estudo, na área de transportes e mobilidade urbana. Possivelmente o isolamento social alterou as formas de mobilidade através de alterações nos deslocamentos cotidianos: alguns deixaram de existir, como ir à universidade, modificaram-se horários, trajetos, atividades, encontros, reuniões, uma vez que muitas das atividades antes presenciais, agora estão sendo realizadas remotamente.

O que está sendo apresentado neste artigo é parte do Projeto de Pesquisa “Impactos do COVID-19 nos Deslocamentos dos Alunos Universitários do Rio Grande do Sul”, coordenado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que tem como objetivo investigar o impacto das medidas adotadas para deter a contaminação pelo COVID-19 na mobilidade dos estudantes universitários do Rio Grande do Sul: como essas medidas estão modificando seus deslocamentos e alterando as escolhas dos meios de transportes, por sua vez, essas mudanças podem estar impactando na mobilidade das cidades. O tema transportes tem ganhado relevância dentro das universidades, especialmente as públicas pela necessidade que muitos estudantes - hipossuficientes - possuem de auxílio nesta área para a permanência nos estudos. Embora a desigualdade social brasileira reflita-se também no acesso ao ensino superior, uma vez que a classe E, que corresponde a 44,9% da população brasileira com idade entre 18 e 24 anos, corresponde a apenas 24,7% das pessoas da mesma faixa etária matriculada no ensino

superior, o Mapa do Ensino Superior publicado em 2020, aponta que as classes D e E (faixas de renda com até um salário-mínimo) aumentaram a participação no ensino superior de 2012 a 2018, considerando a idade de 18 a 24 anos. Quando analisados os dados dos alunos de classe E, o aumento chegou a 64,5%, passando de 651,4 mil para mais de 1 milhão. No caso dos alunos que pertencem à classe D, o aumento ficou em 50,2%, passando de 700,1 mil matrículas para mais de 1,2 milhão (AGÊNCIA BRASIL, 2020). Estes dados mostram uma realidade em transformação e o custo do deslocamento/ transporte para o ensino é um custo relevante no orçamento familiar (NTU, 2020).

Neste artigo será apresentada uma etapa importante do projeto que foi a elaboração do Instrumento de Coleta de Dados. Entendeu-se relevante apresentar esta etapa pela complexidade que teve a elaboração do mesmo, uma vez que o estudo buscou abarcar várias dimensões relativas à mobilidade urbana e aos transportes, desde questões objetivas, passando por questões políticas, até questões relativas às subjetividades.

A escolha por apresentar as questões relativas às subjetividades deu-se por tratarem, justamente, das percepções dos entrevistados acerca da organização do espaço urbano e dos diferentes elementos que o compõem. Ao transitar são produzidas interações entre pessoas, entre pessoas em diferentes formas de transporte, entre pessoas e espaços construídos. Dessas interações, práticas sociais cotidianas, decorrem relações ético-políticas das pessoas em relação a si, aos outros e ao espaço construído, público, podendo vir a compor construção de outras subjetividades, singularidades e coletividades em relação ao vivido que têm efeitos físicos, sociais e claro, psíquicos.

2. Por que incluir uma dimensão subjetiva numa pesquisa na área de mobilidade/transporte?

Cotidianamente, estão sendo produzidas novas formas de ser e habitar na contemporaneidade. O espaço urbano difere tanto quanto difere a complexidade das ações humanas, mesmo naqueles lugares formalmente planejados para que a vida ocorra de uma determinada maneira, muitas vezes o ser humano acaba traçando outros caminhos, subvertendo algumas lógicas, reforçando outras e criando novas formas de interações sociais. Neste sentido, o espaço urbano vai diferir dependendo do tipo de interações que nele se operem, se aproximando da noção de lugar, que para alguns autores como Carlos (2007), tem uma conotação diferente da de espaço, uma vez que implica num ethos, numa referência identitária de produção da vida que se dá, especialmente, na escala do local. Segundo Carlos, “as relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas

condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo” (CARLOS, 2007, p. 6).

Pensar em produção e reprodução, tanto material quanto imaterial da vida, nos instiga a pensar nos diferentes sentidos da palavra “mobilidade” e como o homem percebe a cidade, os lugares e os espaços para a circulação quando se desloca para trabalho, para estudo, lazer etc. e como o faz, a pé, de veículo individual, transporte coletivo etc. Tudo isto vai definir sua relação com a cidade do ponto de vista de sua mobilidade, uma vez que Mobilidade Urbana é a condição que permite o deslocamento das pessoas em uma cidade, com o objetivo de desenvolver relações sociais e econômicas (PNMU, 2012).

A mobilidade urbana também está relacionada com o ethos político, um estar nos lugares compartilhando espaços e estabelecendo interações cotidianas. Vasconcellos (1989) busca aproximar-se dessa perspectiva quando ao desenvolver a ideia de dimensão política da circulação, ligada aos interesses de cada um ao circular, dependendo de sua condição de deslocamento, o pedestre terá um interesse, o condutor, outro e assim por diante, sendo que esses interesses se modificam ao longo do dia, uma vez que mudamos também a condição de deslocamento. Mas do ponto de vista das subjetividades nos interessa particularmente pensar nessa dimensão ético-política passível de ser desenvolvida a partir de um ethos político, um estar com outros no espaço público de circulação e como esse estar com outros, negociando espaços, entrando em conflitos, negociando passagens etc. vai nos subjetivando e afetando nossas subjetividades.

Atualmente, durante o momento de pandemia em que vivemos a falta de parâmetros sólidos ou pseudo seguros anteriormente estabelecidos como o estudo, o trabalho, os locais frequentados e as pessoas com as quais convivíamos, gera inseguranças, receios, medos e, como consequência, produz efeitos sociais, políticos, mas principalmente, impacta nossa subjetividade. Pensar sobre as alterações na vida cotidiana, em nossas atividades, deslocamentos e saúde permite fazer uma interlocução entre a atual forma de organização social pandêmica e suas repercussões para os estudantes, tanto mental quanto física, considerando os modos de subjetivação. Reconhecemos que este cenário tem um caráter político, econômico, social e cultural e, por isso mesmo, estas transformações não influenciam apenas a subjetividade dos estudantes, foco da pesquisa, mas de toda a sociedade. Seguimos o colocado por Foucault ao afirmar que “os modos de subjetivação são, precisamente, as práticas de constituição do sujeito” (in CASTRO, 2009, p. 408).

Assim, supomos que os corpos contemporâneos e as subjetividades se veem afetados pela experiência e vivência de uma pandemia. O perigo do acesso aos espaços públicos geram

limites espaço-temporais que trazem à tona a sensação de insegurança. Essas experiências e mudanças nas relações sociais e com a cidade geram alterações que são capazes de redefinir radicalmente as relações humanas e espaciais. Ao mesmo tempo podemos dizer que cada sujeito irá vivenciar a pandemia de uma forma singular, que irá mobilizar e acionar os recursos psíquicos existentes, para reorganizar o enfrentamento ao que lhe acontece e criar estratégias. Mas se afirmamos processos que acontecem nessa relação, por mais que as sensações, sentimentos, vivências sejam da ordem do individual, as reações se darão por construções que ultrapassam essa particularidade. Segundo Dunker (2015, p.36) “A experiência individual no sofrimento singular se expressa em falas únicas, de preferência em primeira pessoa. Por isso é importante jamais separar o sofrimento individual dos movimentos sociais que lhe deram origem”.

Dunker (2015) sustenta que o mal-estar, sofrimento e doença psíquica possuem uma história e se apresentam em uma determinada época como quadros clínicos específicos, sendo, de certa forma, respostas a um determinado momento histórico e cultural como patologias sociais ou desde o social, como algo bloqueado ou não reconhecido nos laços sociais. Em relação à pandemia, o medo, raiva e indignação são efeitos naturais na medida em que há um perigo real de contágio. Enquanto efeito e transformação operados pela quarentena, reitera que “É uma mutação que deve interferir, por exemplo, na interpretação do espaço pessoal, da distância física e psíquica que a gente guarda em relação aos outros” (DUNKER, 2020, s/p).

Assim, na busca por abarcar as complexidades do momento pandêmico, mesclamos os termos/conceitos subjetivar e processos/modos de subjetivação para explicar todas as relações construídas com os acontecimentos, todas as sensações e produções do cotidiano. Tanto as questões que a proposta de pesquisar opera, quanto o que a pesquisa irá operar junto com os participantes e o que os participantes comporão com a pesquisa.

Como apontam Fonseca, Nascimento e Maraschin (2012, p. 10) sobre um modo especial ou de usar as ações de pesquisar “[...] relacionando-o a um processo de produzir fissuras no duro gelo das subjetivações instituídas, um quebra-cabeça, por cujas fendas possíveis se deixe escrever aquilo que denominamos de pensamento.” Diverso da concepção de subjetividade, como particular, íntimo, pessoal, para uma possibilidade que remete às “identidades categoriais” (FONSECA e COSTA, 2012, p, 218).

Entendemos que na investigação há um encontro entre pesquisador e pesquisado/participante, onde se produz o conhecimento, e, portanto este conhecimento se efetiva na “interação, na intersubjetividade.” O pesquisador possui um “[...] esquema básico de referência, mas este não se impõe à realidade de forma apriorística” (BENDASSOLLI; SOBOLL, 2011, p. 20-21).

Conforme Minayo (2001), o pesquisador, seu campo de estudo e, conseqüentemente os participantes da pesquisa, estão em relação e implicados; e na medida em que essa implicação dá significado ao que foi pensado teoricamente, estes estão comprometidos na dinâmica da produção de vida individual e coletiva. O processo de investigação constitui a produção de conhecimento, na investigação do cotidiano, junto aos participantes da pesquisa que possuem um saber da experiência do vivido. O processo intersubjetivo possibilita, assim, a co-construção de conhecimento para elaborar soluções para os problemas ou questionamentos levantados na pesquisa, e sua aplicação à nova configuração social apresentada. Assim, reafirmamos a importância da pesquisa, no sentido de uma prática investigativa, problematizadora, crítica.

3. Metodologia

Para compreender a elaboração do Instrumento de Coleta de Dados, faz-se necessário destacar que o Projeto de Pesquisa está previsto para ser realizado em 12 Instituições de Ensino Superior, entre públicas e privadas, e conta com a participação de 42 pesquisadores, entre professores e alunos. Estão previstas 5 (cinco) etapas para a realização do mesmo, o que compreenderá aproximadamente a duração de 2 (dois) anos, ou seja, a previsão de término é final de 2022.

O levantamento de dados se dará através da aplicação de um questionário, de forma *online*. O contato com os respondentes ocorrerá através de e-mail enviado aos endereços eletrônicos dos bancos de dados fornecidos pelas IEs participantes. Foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo os participantes orientados sobre o formulário a que serão submetidos. Dessa forma, será assegurado aos participantes o anonimato, o sigilo das informações e o direito à desistência de participação sem qualquer tipo de prejuízo ou sanção. É importante destacar que o projeto foi submetido e aprovado pelos Comitês de Ética em Pesquisa de cada IE através da Plataforma Brasil. O banco de dados gerado como resultado da pesquisa será de posse da proponente do projeto.

No momento, o estudo encontra-se em fase de constituição da amostra e espera-se constituir uma amostra probabilística estratificada (levando em consideração aspectos estruturais espaciais de cada IE) tendo como marco amostral a soma das listas de endereços eletrônicos de discentes de cada IE (dos cursos de graduação e pós-graduação, maiores de 18 anos). Espera-se contar com uma amostra com nível de confiança de 95% e margem de erro de 5%. A etapa de coleta de dados está prevista para ocorrer no primeiro semestre de 2021. Depois de

concluída, o tratamento e análise dos dados permitirá codificar, categorizar e agrupar os dados numa Base de Dados adequada aos objetivos da investigação.

Entendeu-se que a escolha do método quantitativo/qualitativo para o tratamento e a análise dos dados é o mais adequado ao tipo de dados, à natureza das variáveis e aos objetivos e do estudo. A análise quantitativa será baseada em técnicas e procedimentos estatísticos que permitirão o tratamento e a análise de um grande número de variáveis e estará assentada na necessidade de fazer uma análise focalizada na procura de padrões de relação entre variáveis: relações de associação, relações de causalidade entre uma variável dependente e (diversas) variáveis independentes, estudos de proporção e comparação de populações. Permitirá também obter medidas, indicadores e parâmetros de estatística capazes de descrever comportamentos, apontar tendências futuras e fazer inferências para a população alvo a partir da amostra.

A análise qualitativa basear-se-á na aplicação de técnicas que permitam uma percepção mais completa e profunda da realidade investigada e será realizada a partir da análise de categorias e unidades de informações provenientes do questionário aplicado. Estará associada a uma postura interpretativista que procurará, através dos dados, encontrar ligações entre categorias e conceitos de maneira a construir pressupostos teóricos suficientemente válidos que permitam a sua generalização. O projeto está composto por cinco etapas apresentadas na Figura 1.

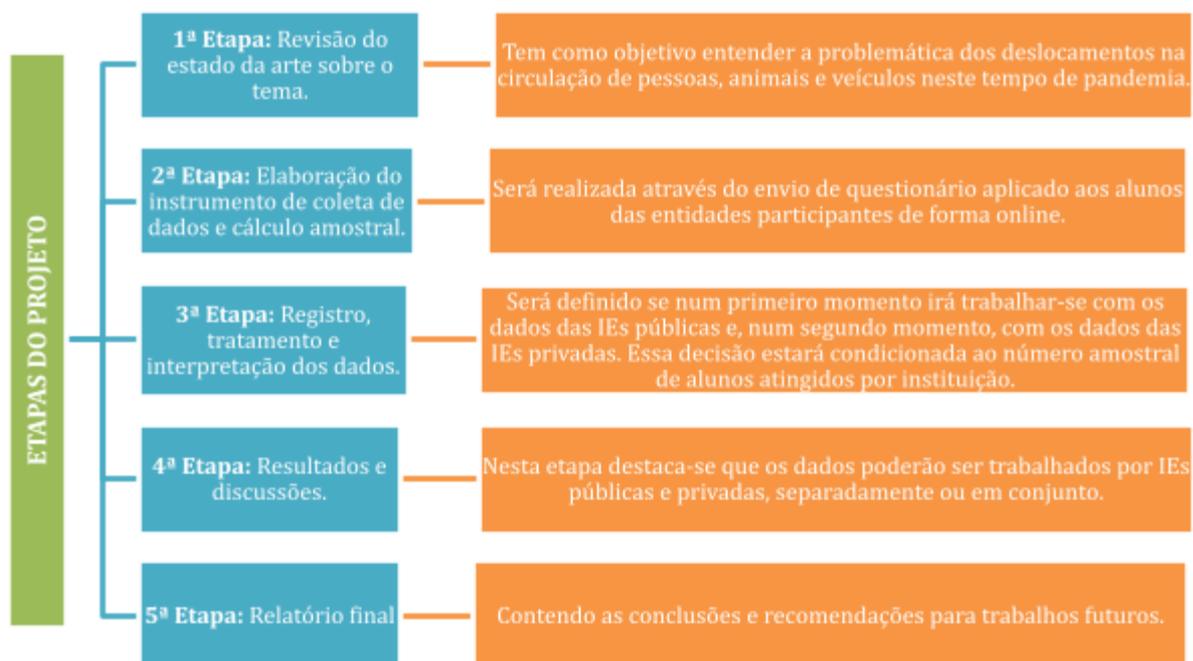


Figura 1. Esquema representativo das etapas do projeto

4. Elaboração do Instrumento de Coleta de Dados

O Instrumento de Coleta de Dados da pesquisa foi desenvolvido pelos pesquisadores da UFPel com a participação de pesquisadores de outras IEs. Estes se reuniram de forma remota para decidir qual seria o melhor instrumento de coleta de dados, considerando o número de IEs participantes e os objetivos do estudo. Optaram por elaborar um questionário com perguntas fechadas e abertas, no Google Forms. A Figura 2 apresenta as questões norteadoras, e as dimensões e variáveis do instrumento de pesquisa.

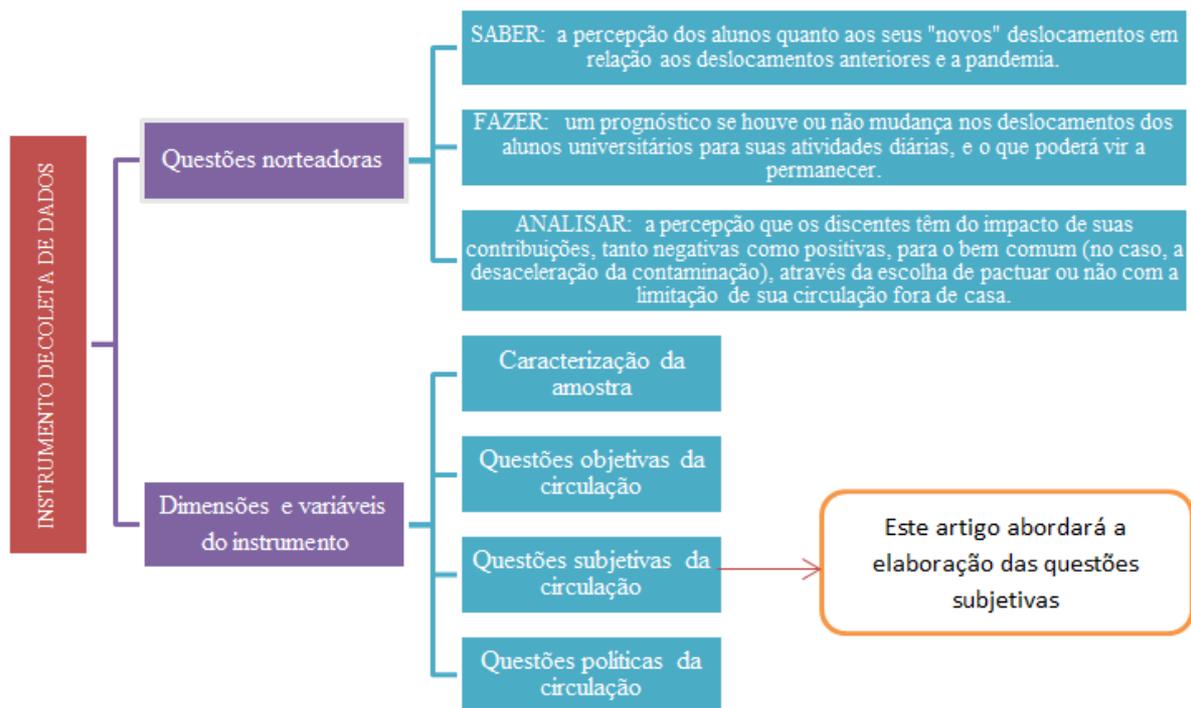


Figura 2. Esquema conceitual de elaboração do Instrumento de Coleta de Dados

Para a elaboração das questões, pesquisadores e alunos foram divididos em três grupos que trataram sobre três dimensões relativas à circulação: i) objetivas; ii) subjetivas; e iii) políticas. Ainda foi elaborada a parte inicial do Instrumento que trata da caracterização da amostra. Após todas as proposições e discussões, o grupo de pesquisadores da IE proponente elaborou o modelo do questionário final.

4.1. Dimensões e variáveis do instrumento de pesquisa

O instrumento de pesquisa levou em consideração quatro dimensões de estudo apresentadas acima na Figura 2. Também foram realizadas duas questões de controle para a verificação da atenção do respondente (Questões 45 e 76). Ao final do questionário é solicitado ao

respondente um e-mail de contato caso ele tenha interesse em participar de uma outra etapa da pesquisa (Questão 103). A seguir será apresentada a concepção e elaboração das questões do Instrumento de Coleta de Dados referentes às *Dimensões subjetivas da circulação e do espaço urbano*, bem como as questões que compuseram a *Caracterização da Amostra*.

4.1.1 Caracterização da amostra

A primeira parte do questionário trata da caracterização do entrevistado e apresenta 22 questões objetivas: identidade de gênero; faixa etária (distribuídas conforme a Empresa Pública de Transporte e Circulação); raça etnia; se possui alguma deficiência e se esta afeta ou não a sua mobilidade; estado civil e com quem reside; se desenvolve algum trabalho e qual sua caracterização; se recebe algum auxílio governamental ou da universidade como bolsas de Iniciação Científica, Bolsa Família etc.

Buscou-se saber também quanto ao seu local de moradia, se reside em área urbana ou rural e se sua residência localiza-se próximo ao local de estudo. Foi perguntado sobre sua Instituição de Ensino, se possui mais de um campi, qual distância percorre para chegar a ela; o curso e o semestre em que está matriculado. Por último, a renda familiar, cuja referência foi o salário mínimo regional (IBGE, 2020).

4.1.2 Dimensões subjetivas da circulação e do espaço urbano

Em um período de pandemia, considera-se que as pessoas, de modo geral, estão preocupadas, confusas, estressadas e com uma sensação de descontrole ou falta de controle frente ao que acontece de forma incerta. Cerca de um terço à metade da população que vive um período como este poderá passar por uma alguma situação considerada psicopatológica, caso não receba acolhimento e cuidado direcionado para as reações e sintomática apresentada (FIOCRUZ, 2020). O impacto psicossocial será influenciado pela magnitude da pandemia e o grau de vulnerabilidade das pessoas, e nesse sentido, é importante salientar que nem todas as manifestações, consideradas inicialmente problemas psicológicos e sociais podem ser consideradas doenças. “A maioria será classificado como reações normais diante de uma situação anormal” (FIOCRUZ, 2020, p. 2).

O cenário de pandemia pode gerar o sentimento de perda de controle, afetando o equilíbrio entre o sujeito e o meio, aumentando a vulnerabilidade psicológica do indivíduo ao efeito de estressores (SCHMIDT, CREPALDI, BOLZE, NEIVA-SILVA & DEMENECH, 2020). O estresse é um conjunto de reações emitidas por um sujeito quando se confronta com situações que o amedronte, irrite ou excite, ou seja, ocasionadas a partir de uma interação entre o

indivíduo e o meio. Dessa forma, o estado de estresse é gerado por estímulos que desregulam o equilíbrio interno do sujeito. Um destes estímulos está relacionado ao medo da contaminação. Por isso, foram elaboradas perguntas relativas a como o entrevistado se sente em relação a essa possibilidade ao deslocar-se, ao estar dentro do transporte coletivo, de um veículo por aplicativo, na parada de ônibus etc. e são apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1. Percepção quanto à segurança sanitária em seus deslocamentos

| Número da questão no questionário | Pergunta realizada |
|-----------------------------------|--|
| Questão 64 | Como você avalia a segurança nos seus deslocamentos a pé sob a perspectiva de contaminação pelo COVID-19? |
| Questão 65 | Existem locais próximos ao seu desembarque onde você possa realizar higienização (pias, lavatórios, etc.)? |
| Questão 66 | Sobre a prevenção de contaminação, como você avalia as condições sanitárias do transporte que você utiliza? |
| Questão 67 | Sobre a prevenção de contaminação, como você avalia o uso de Equipamentos de Proteção Individual por parte dos operadores no transporte coletivo (ônibus/lotação ou trensurb)? |
| Questão 68 | Sobre a prevenção de contaminação, como você avalia a efetividade da obrigatoriedade do uso de máscaras por parte dos passageiros no transporte coletivo (ônibus/lotação/trensurb) que você utiliza? |
| Questão 69 | Sobre a prevenção de contaminação, você se sente seguro com relação ao distanciamento dentro do transporte coletivo (ônibus, lotação ou trensurb)? |

A pandemia pode trazer impactos diferenciados e específicos, de acordo com suas características: desconfiança nas medidas adotadas na gestão e coordenação das medidas de segurança adotadas; necessidade de adaptação aos protocolos; ausência ou falta de equipamentos de proteção; risco de infecção para si e outros; apresentação de sintomas que podem ser confundidos com COVID-19; distanciamento da rede de relações sociais; alteração dos meios de locomoção e o distanciamento social, propriamente dito (FIOCRUZ, 2020, p. 2). Nesse sentido, um estímulo relacionado à circulação é tanto o aumento como a diminuição da intensidade no fluxo de pessoas e veículos na circulação. Tanto um quanto o outro podem impactar aquele indivíduo que ficou um tempo em isolamento ou que reduziu o número de deslocamentos. Por isso, foram elaboradas perguntas relativas à percepção do entrevistado quanto ao aumento ou diminuição da intensidade de fluxo de circulação nos ambientes comuns de circulação dos entrevistados, estabelecendo um comparativo entre antes e durante a pandemia, como mostra o Quadro 2.

Quadro 2. Percepção quanto ao aumento ou diminuição da intensidade de fluxo de circulação

| Número da questão no questionário | Pergunta realizada |
|-----------------------------------|--|
| Questão 70 | Como você avaliava o fluxo de pedestres próximo à sua Instituição de Ensino ANTES da pandemia? |
| Questão 71 | Como você avalia o fluxo de pedestres próximo à sua Instituição de Ensino DURANTE a pandemia? |
| Questão 72 | Como você avaliava o fluxo de pedestres próximo ao local que você reside ANTES da pandemia? |
| Questão 73 | Como você avalia o fluxo de pedestres próximo ao local onde você reside DURANTE a pandemia? |
| Questão 74 | Como você avaliava o fluxo de pedestres próximo ao local que você trabalha ANTES da pandemia? |
| Questão 75 | Como você avalia o fluxo de pedestres próximo ao local onde você trabalha DURANTE a pandemia? |

Em um contexto de pandemia, grande parte das pessoas estão em maior contato com estressores que desconheciam ou que eram pouco expostas. As reações mais frequentes apresentadas pelas pessoas incluem os medos de: “Adoecer e morrer; Perder as pessoas que amamos; Perder os meios de subsistência ou não poder trabalhar durante o isolamento e ser demitido; Ser excluído socialmente por estar associado à doença; Ser separado de entes queridos e de cuidadores devido ao regime de quarentena; Não receber um suporte financeiro; Transmitir o vírus a outras pessoas” (FIOCRUZ, 2020, p. 3).

Para Dunker (2020), o caráter invisível, intangível do vírus faz com que tenhamos dificuldade em manter o medo dentro de limites e função. Pois o medo, como todas as emoções que manifestamos, tem uma utilidade. O medo detecta o nível de periculosidade, percebe o objeto que causa o perigo e nos instiga a reagir, em maior ou menor grau, com ataque, recuo ou proteção. Assim, o medo é uma instância que aprecia a realidade da situação e a pandemia tende a agravar as reações psicológicas esperadas no caso do aumento do tempo necessário de distanciamento social. Mas, quando há um manejo adequado, o estresse e o medo têm importante papel para a manutenção da vida e das atividades a serem realizadas (FIOCRUZ, 2020a). Tendo em vista tais referenciais teóricos foram elaboradas as perguntas apresentadas no Quadro 3 para avaliar as reações ao estresse do sujeito quando este se desloca no contexto de pandemia.

Quadro 3. Percepção sobre estresse ao se deslocar em contexto de pandemia

| Número da questão no questionário | Pergunta realizada |
|-----------------------------------|---|
| Questão 77 | Você identificou sensação de ansiedade ao realizar um deslocamento DURANTE a pandemia, com qual frequência? (tremores, suor, tontura, náusea, falta de ar, coração acelerado, mãos frias, desconforto abdominal, tensão muscular) |
| Questão 78 | Você teve sensação de perigo próximo, medo da morte ou de uma tragédia, sentimento de indiferença, sensação de estar fora da realidade ao realizar um deslocamento DURANTE a pandemia, com qual frequência? |
| Questão 79 | Você se percebe mais cansado, com diminuição de energia ao realizar um deslocamento DURANTE a pandemia, com qual frequência? |

Dentre os estressores presentes em um contexto de pandemia, está a proximidade a eventos que ameaçam as suas próprias vidas e as de entes queridos, ocasionando sentimento de medo e de ansiedade ao ter contato com o meio externo, como sair de um ambiente seguro, como a sua casa, pois coloca o estado de saúde em ameaça, investigado também na questão 70 apresentada anteriormente. Também são esperadas sensações recorrentes em relação a: “Impotência perante os acontecimentos; Irritabilidade; Angústia; Tristeza” (FIOCRUZ, 2020, p.3). Ainda, nas situações de isolamento, podem ser intensificados os sentimentos vividos em relação a desamparo, tédio, solidão e tristeza (FIOCRUZ, 2020).

Apesar do isolamento social ser um estressor presente e com grande relevância, consideramos importante que também sejam discutidas as implicações psicológicas geradas ao romper o isolamento. Este rompimento acontece no momento em que o sujeito sai de casa para realizar atividades consideradas essenciais no momento, como realizar compras, atividades de lazer, trabalhar e estudar. Visando avaliar a relação entre os sintomas de estresse e o estado de hipervigilância foram elaboradas as questões apresentadas no Quadro 4.

Quadro 4. Relação entre os sintomas de estresse e o estado de hipervigilância

| Número da questão no questionário | Pergunta realizada |
|-----------------------------------|---|
| Questão 80 | Você sente que está prestando mais atenção ao que acontece na rua? |
| Questão 81 | Você se percebe mais vigilante consigo mesmo nas situações em geral* devido ao risco de contaminação ao realizar um deslocamento DURANTE a pandemia? (*andar de transporte público ou compartilhado, esperar nas paradas dos transportes, andar de bicicleta, se locomover pela cidade como pedestre, etc.) |

Por uma outra perspectiva, e aqui entende-se importante a contribuição da Psicologia Positiva, a restrição dos deslocamentos torna os mesmos recursos escassos diante de uma política de isolamento social. Em consequência de uma medida de restrição, o sujeito ao ter contato com o recurso escasso, como sair de casa, pode vir a valorizar e apreciar mais tal recurso, tornando-o uma experiência mais positiva (CIALDINI, 1993 como citado em SMITH et al, 2014). Neste processo, denominado pela Psicologia Positiva como processo de *savoring*, as pessoas tornam-se mais conscientes tanto do ambiente quanto dos seus sentimentos ao vivenciar tais experiências (BRYANT & VEROFF, 2007). Para investigar o estado de consciência das pessoas em relação ao espaço público e os sentimentos gerados ao se deslocar, foram elaboradas as questões apresentadas no Quadro 5.

Quadro 5. Percepções sobre o espaço público e os sentimentos gerados ao se deslocar

| Número da questão no questionário | Pergunta realizada |
|-----------------------------------|---|
| Questão 82 | Você se sente mais conectado com a cidade? |
| Questão 83 | Caso você se sinta mais conectado, essa conexão está relacionada a: (Marque todas alternativas com as quais se sinta identificado) |
| Questão 84 | Você sente que mudou a sua percepção sobre os elementos que compõem os espaços (ex. calçadas, fachadas, árvores, vias, veículos pessoas etc.) pelos quais você se desloca DURANTE a pandemia em relação aos deslocamentos realizados ANTES da pandemia? |
| Questão 85 | Como você avalia essa mudança de percepção em relação aos elementos abaixo: Condições físicas das calçadas, Condições físicas das vias, Sinalizações de trânsito, Fachadas dos prédios/casas, Vegetação. |
| Questão 86 | Você sente que está valorizando mais os deslocamentos que realiza fora de casa DURANTE a pandemia do que valorizava ANTES da pandemia? |
| Questão 87 | Ao realizar seus deslocamentos DURANTE a pandemia, você sente que o tempo está passando: Mais devagar, Mais rápido, No mesmo ritmo de antes da pandemia. |
| Questão 88 | Você sente que os seus deslocamentos ANTERIORES à pandemia evocavam memórias afetivas relativas aos espaços pelos quais percorria? |
| Questão 89 | Você sente que os seus deslocamentos DURANTE a pandemia evocam memórias afetivas relativas aos espaços pelos quais você percorre? |

Essas são as questões que buscam investigar como os estudantes das redes públicas e privadas de ensino superior estão percebendo seus deslocamentos em um cenário de pandemia e de isolamento social a partir dos aspectos psicológicos, cognitivos e fisiológicos. Como última pergunta desta seção, deixou-se um espaço para que o entrevistado pudesse comentar ou complementar alguma questão anterior.

5. Resultados e Impactos Esperados

Considerando que mesmo quando as medidas de isolamento social estão baseadas em evidências científicas e são essenciais para o cuidado e a proteção da saúde da população, estas tendem a promover impactos à saúde mental de todos que vivem esta experiência, as consequências das repercussões produzidas pela pandemia, de alguma forma inevitáveis, podem ser minimizadas de acordo com as medidas de enfrentamento utilizadas. O ineditismo do distanciamento e isolamento social vivido já têm sido pesquisados desde o início da pandemia, mas ainda temos poucos artigos e relatos que apontem os consequentes efeitos psicossociais deste isolamento prolongado em diversos países e grupos. Portanto, políticas adotadas pelas IES podem ter impacto direto na saúde mental da comunidade universitária. Mesmo que nosso entendimento seja que os cuidados necessários para a promoção da saúde devem ser garantidos pelo Estado, as IES têm papel importante em políticas que possam auxiliar em respostas à situação de emergência.

Mas para isso, é necessário avaliar as possíveis consequências psicológicas das medidas adotadas e propor estratégias de prevenção e promoção da saúde mental, bem como de atenção psicossocial que possam ser planejadas e executadas a curto, médio e longo prazo. Estas estratégias de cuidado e promoção de saúde mental tornam-se ainda mais relevantes em países como o Brasil, quando consideramos o tempo ao qual as pessoas estão submetidas ao isolamento e a estressores, somado às inseguranças relativas à quando o país poderá efetivamente atingir a imunidade coletiva e, assim, retomar atividades presenciais dentro de uma certa normalidade. Nesse sentido, as informações coletadas na pesquisa poderão servir aos formuladores de políticas públicas ou *policy makers* e aos dirigentes das Instituições de Ensino (IE) para planejar a volta às atividades presenciais após pandemia, além de entender as condições dos seus alunos durante este período, em relação a sua mobilidade.

Por último, entende-se que o estudo trará benefícios à sociedade como um todo e poderá contribuir com o meio acadêmico para o estudo dirigido na área de transportes e mobilidade e sua relação com as interações sociais e políticas no espaço de circulação. A maioria das cidades brasileiras enfrenta uma série de problemas referentes à área de transporte e mobilidade, bem como de acesso aos espaços públicos de forma ampla e plena, desde questões ambientais e sociais, como econômicas, políticas e de infraestrutura. Nesse sentido, espera-se que os resultados e as análises produzidas contribuam com os gestores, tanto públicos como privados que, de posse das informações geradas pela pesquisa, podem fazer uso para melhorar o bem estar da sociedade.

Referências Bibliográficas

AGÊNCIA BRASIL. Mapa do Ensino Superior aponta maioria feminina e branca. Estudo mostra o perfil do estudante universitário brasileiro. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-05/mapa-do-ensino-superior-aponta-para-maioria-feminina-e-branca>. Acessado em 01 de maio de 2020.

ANDERSON, Roy M.; HEESTERBEEK, Hans; KLIKENBERG, Don; HOLLINGSWORTH, T. Déirdre. How will country-based mitigation measures influence the course of the COVID-19 epidemic? *The Lancet*. Vol. 395. Published Online March 6, 2020 [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30567-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30567-5).

BALTIMORE, EUA. Universidade Johns Hopkins. Dados atualizados pela última vez em: 12 de abril de 2021 08:29 GMT. In.: Covid-19: o mapa que mostra o alcance mundial da doença. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51718755>. Acessado em: 15 de abril 2021.

BARROSO, Luís Roberto. E se fizéssemos diferente? in: O mundo pós-pandemia. Reflexões sobre uma nova vida. Organização José Roberto de Castro Neves. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

BENDASSOLLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis A. P. (Org.) Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade. São Paulo. Atlas, 2021.

BISCAYART, C.; ANGELERI, P.; LLOVERAS, S.; Chaves, T.; SCHLAGENHAUF, P.; RODEZ-MORALES, A. J. The next big threat to global health? 2019 novel coronavirus (2019-nCoV): What advice can we give to travellers? Interim recommendations January 2020, from the Latin-American Society for Travel Medicine (SLAMVI). *Travel Medicine and Infectious Disease*, vol. 33, 2020. Elsevier.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. RE 271.286-AgR, Rel. Min. Celso de Mello, julgamento em 12/9/2000.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. STF reconhece competência concorrente de estados, DF, municípios e União no combate à Covid-19. Disponível em: <http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=441447&ori=1> Acessado em 19 de abril de 2021.

INEP. Censo da Educação Superior Brasil, 2018. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/cento-da-educacao-superior>. Acessado em 13 de maio de 2020.

BRYANT, F. B., & VEROFF. *Savoring: A new model of positive experience*. Mahwah, NJ: Erlbaum Associates, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Labur Edições, 2007, 85p.

CASTRO, Edgardo. Vocabulário de Foucault: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: AUTÊNTICA, 2009.

DAGGETT, J; GUTKOWSKI, R. University transportation survey: transportation in university communities. Transportation Research Board, v. 1835, n. 1, p. 42-49, 2003.

DUARTE, F.; LIBARDI, R. Mobilidade urbana e universidades – o caso de Curitiba. Revista dos Transportes Públicos, n.113, ANTP, 2007.

DUNKER, Christian. Mal-estar, sofrimento e sintoma. São Paulo: Boitempo, 2015.

DUNKER, Christian. "Sobreviver, neste momento, não é pouca coisa". Entrevista, Brasil de Fato. 23 dez 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/12/23/sobreviver-neste-momento-nao-e-pouca-coisa-di-z-o-psicanalista-christian-dunker> Acesso em 02 de abril de 2021.

ECOC. European Centre for Prevention and Control. Daily risk assessment at COVID-19. Disponível em: <https://www.ecdc.europa.eu/en/current-risk-assessment-novel-coronavirus-situation>. Acessado em: 5 de março de 2020.

FALEIROS, F.; KÄPPLER, C.; PONTES, F. A. R.; SILVA, S.S.C.; GOES, F.S.N.; CUCIK, C.D. Uso de questionário online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. Texto & Contexto Enfermagem, v. 25, n. 4, p. 1-6, 2016.

FERRAZ, A. C. P.; TORRES, I. G. E. Transporte público urbano. São Paulo: Rima, 2004. 428 p.

FIOCRUZ. Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19. Recomendações Gerais. 2020 Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%3%bade-Mental-e-Aten%3%a7%3%a3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-recomenda%3%a7%3%b5es-gerais.pdf> Acesso em 02 de abril de 2020.

FIOCRUZ. Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19. A quarentena na Covid-19: orientações e estratégias de cuidado. 2020a Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%3%bade-Mental-e-Aten%3%a7%3%a3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-A-quarentena-na-Covid-19-orienta%3%a7%3%b5es-e-estrat%3%a9gias-de-cuidado.pdf> Acesso em 02 de abril de 2020.

FOLHA UOL Ranking de Universidades. 2020. Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2018/ranking-de-universidades/>. Acessado em: 6 de maio de 2020.

FONSECA, Tania Galli; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). Pesquisar na diferença: um abcedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FONSECA, Tania Galli; COSTA, Luiz Artur. Subjetivar. In: FONSECA, Tania Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

G1. Um terço da população mundial está em isolamento; veja medidas de diferentes países para conter o coronavírus. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/27/13-da-populacao-mundial-esta-em-isolamento-veja-medidas-de-diferentes-paises-para-conter-o-coronavirus.ghtml>. Acessado em: 30 de abril de 2020.

HARDIN, Garret. The Tragedy of the Commons. *Science* 13 Dec 1968. Vol. 162, Issue 3859, pp. 1243-1248. DOI: 0.1126/science.162.3859.1243. Link: <https://science.sciencemag.org/content/162/3859/1243>.

LINHARES, B. M. e ENUMO, R. F. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, Seção Temática: Contribuições da Psicologia no contexto da Pandemia da COVID-19, v. 37, e200089, 2020.

HUREMOVIC, D. *Psychiatry of pandemics: a mental health response to infection outbreak*. Springer, 2019.

MARGIS, R., PICON, P., COSNER, A. F., & SILVEIRA, R. O. Relação entre estressores, estresse e ansiedade. *R. Psiquiatria. RS*, 25(suplemento 1): 65-74, 2003.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

IBGE (2020) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 12 de junho de 2020.

NTU. Associação Nacional de Empresas de Transportes Urbanos. COVID-19 e o transporte público por ônibus: impactos no setor e ações realizadas. 2020. Disponível em: encurtador.com.br/alaHT. Acesso em: 12 de junho de 2020.

OLSCHOWSKY A; SCHMITZ, U. V. 11 de setembro de 2001: vivenciando o transtorno do estresse pós-traumático. *Rev Gaúcha Enferm*, Porto Alegre, 26(3):425-33, 2005.

ONU BRASIL. Nações Unidas Brasil. A experiência internacional com os impactos da COVID-19 na educação. 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/artigo-a-experiencia-internacional-com-os-impactos-da-covid-19-na-educacao/>. Acessado em: 30 de abril de 2020.

ÖSTROM, Elinor. *Governing the Commons: The Evolution of Institutions for Collective Action*. Cambridge University Press. Livro, 1990.

RONDONI, C. A.; PEDRO, K. M. e DUARTE, C. dos S. Pandemia do Covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. Interfaces Científicas - Número temático: Cenários escolares em tempo de COVID-19 na/pós quarentena. Editora Universitária Tiradentes. v. 10, n. 1., p. 41-57, 2020.

SMITH, J. L., Harrison P. R., KURTZ J. L., & BRYANT, F. B. Nutrindo a capacidade de Saborear (Savoring) - Intervenções para aumentar o aproveitamento de experiências positivas. In Parks, A. C., & Schueller, S. (Eds.), *The Wiley Blackwell handbook of positive psychological interventions*. John Wiley & Sons, 2014.

SCHIMIDT, B. et. al. Impactos na Saúde Mental e Intervenções Psicológicas Diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19). SciELO Preprints. DOI: 10.1590, 2020.

VASCONCELLOS, E. Circular é preciso, viver não é preciso: a história do trânsito na cidade de São Paulo. São Paulo: Annablume, 1999.

WANG, D. et. al. Clinical characteristics of 138 hospitalized patients with 2019 novel coronavirus-infected pneumonia in Wuhan, China. JAMA 2020, 323, 11.

WHO. World Health Organization. Coronavirus disease (COVID-19) outbreak [Internet]. Disponível em <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acessado em: 10 de abril de 2021.